

POÉTICA DE ARISTÓTELES – ANÁLISE E RECEPÇÃO CONCEITUAL NA LITERATURA GÓTICA

Laís Vicente Alves (UFF)

laisvicentealves@id.uff.br

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

A Poética de Aristóteles se propõe capaz de ter seus conceitos utilizados para a interpretação de todo poema como uma definição de verdades poéticas universais. Por meio da leitura e aplicação dos conceitos da Poética em poemas diversos, é feita a análise crítica dos poemas de forma a buscar interpretações possíveis orientadas pelas categorias da mimese, mito e catarse. Assim, refletindo a filosofia racionalista aristotélica, antes de trabalhar o poema em si, é possível tentar aprofundar uma definição que compreenda a composição literária em um ponto de vista trágico – incluindo a literatura gótica – através do estudo conceitual na própria Poética como ferramentas que permitem que a literatura cumpra seu propósito filosófico e ressignifique os elementos clássicos.

Palavras-chave:

Poética. Tragédia. Literatura Gótica.

ABSTRACT

The Poetics of Aristotle presents itself as capable of having its concepts applied to the interpretation of any given poem, as a way of defining universal poetic truths. Through the reading and application of the concepts found in the Poetics to a variety of poems, a critical analysis is conducted to explore possible interpretation by the categories of mimesis, myth and catharsis. Therefore, reflecting Aristotelian rationalist philosophy, before working directly on the poem itself, it is possible to deepen a definition that embraces literary composition from a tragic perspective, including Gothic literature, through conceptually studying Poetics as tools that enable literature to fulfill its philosophical purpose and reinterpret classical elements.

Keywords:

Poetics. Tragedy. Gothic Literature.

1. Introdução

O presente artigo busca estabelecer uma ponte entre a Poética de Aristóteles e a literatura moderna por meio de um estudo conceitual aplicado as traduções do poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe. O objetivo é investigar como os conceitos formulados por Aristóteles da mimese, mito e catarse continuam operando na interpretação literária mesmo depois diante de uma obra pertencente ao universo da literatura gótica, uma vez que esta literatura compõe uma escola própria e tem uma distância cronológica e estética sufi-

ciente para uma comparação com o estudo de transmissão dos elementos da tragédia clássica.

Partindo do pressuposto de que os princípios aristotélicos possuem valor filosófico de estudo literário para além do seu contexto original, propõe-se que a leitura analítica do poema *O Corvo* sob a ótica da Poética pode revelar relações tanto de concordância quanto de discordância entre o racionalismo aristotélico e os efeitos estéticos modernos provocados pelos elementos da literatura gótica: o macabro, o melancólico e o sobrenatural.

O trabalho é dividido em duas partes principais: primeiro, uma breve retomada de quatro conceitos fundamentais da Poética (mimese, mito, catarse e tragédia), de modo a estabelecer uma base teórica clara e consistente; depois, uma leitura comparada das traduções de “*O Corvo*”, feitas, em ordem cronológica, por Machado de Assis (1883), Vinícius Alves (1999) e Marta Fagundes (2018), observando como a recepção desses conceitos se reflete nas escolhas lexicais, rítmicas e simbólicas de cada versão.

2. Fundamentos conceituais da Poética

A compreensão dos princípios da Poética aristotélica demanda a retomada de quatro conceitos de base: mimese, mito, catarse e tragédia. Cada um deles estrutura o pensamento de Aristóteles sobre a natureza da arte poética, o trabalho do próprio poeta e o funcionamento e propósito da poesia.

A mimese (*mimesis*), presente em todo gênero poético e frequentemente interpretada como “imitação”, não se limita à cópia do real, uma vez que ela é uma representação ideal do real em padrões universais. Para Aristóteles, a mimese se trata de uma representação estruturada segundo a verossimilhança e a necessidade interna do enredo e do propósito da obra, isto é, pode imitar o ser humano melhor ou pior ou tal qual a realidade, dependendo da obra.

A arte mimética, assim, não reproduz o que é, mas o que poderia ser, o possível dentro de uma lógica. Ainda assim, a imitação não é sobre o humano, mas sobre suas ações e o valor de virtude ou vício dessas ações, para poder encadear uma estrutura de causa e efeito que conduz o enredo a um desfecho coerente. Por isso, pode haver erros de conhecimento do poeta, mas não deve haver erros miméticos, porque as formas de imitação por meio (ritmo, melodia, métrica), por objeto (melhor, pior ou tal qual a realidade) e por modo (a narração de um evento passado ou a dramatização de uma ação presente) é o que faz com que o enredo tenha coerência.

O mito (*mythos*), por sua vez, é o arranjo dessas ações, ou seja, a estrutura da obra, interpretado como o enredo. Dessa forma, Aristóteles valoriza, acima de tudo, a organização lógica e verossímil, sendo a parte mais importante da Tragédia por seu caráter e finalidade é decidido pelo mito. É formado pela mimese, como dito anteriormente, e contém diversos elementos, como a possibilidade de ser simples e complexo. A explicação aristotélica inicia com o enredo, por ser apenas linear, sem reviravoltas, reconhecimentos e pensamentos. Depois, diz o enredo complexo como melhor que o simples, por usar as reviravoltas (situações que mudam para o seu inverso) e o reconhecimento (descoberta de algo que modifica o pensamento sobre a situação e conduz as ações).

A catarse (*catharsis*) é o efeito último e objetivo maior da poesia, provado pela mimese sobre o espectador, que é proposital e define a beleza do enredo. É uma purgação e o alívio dos sentimentos (o páthos) de forma segura e controlada, sendo os dois sentimentos provocados, principalmente, a compaixão e o medo, que podem ser entendidos como piedade ao personagem e terror pelo destino trágico. A catarse é, portanto, um fenômeno racional e pedagógico da arte poética, levando, também, em consideração o caráter pedagógico da mimese.

Além disso, são definidas as formas de provocar a catarse. Assim, é definido que as duas paixões (compaixão e medo) são provocadas em situações de amizade e afeto, uma vez que a hostilidade e a neutralidade mútua não provocam paixões. Isto, como também a reviravolta e o reconhecimento só funcionam nestas situações de afeto de forma que seja possível entender a presença da hamartia, o erro por falha humana ou ignorância independente da virtude ou vício de forma que, para Aristóteles, o melhor enredo é formado pela representação de personagens que agem e reconhecem as consequências de suas ações e, assim, a catarse é provocada no espectador.

Por fim, é necessário mudar de conceito poético para conceituação de um gênero da poesia por Aristóteles: a tragédia. Ela é definida na Poética como a imitação de uma ação elevada e completa, de certa extensão limitada tanto de enredo quanto de tempo dos acontecimentos. A linguagem também é bela e elaborada, seu enredo é dramático, permitindo que os acontecimentos presentes provoquem a comoção dos espectadores, ainda mais por utilizar o coro, que auxilia no meio rítmico, melódico e métrico da tragédia.

Inclusive, a definição da tragédia é retomada por Dante Alighieri, a mencionando na Epístola a “Cangrande della Scala”, texto que acompanha a “Divina Comédia”, de forma a entender que, enquanto a tragédia começa de forma admirável e tranquila e termina de forma repugnante, a comédia tem início áspero e final. Assim, esta definição permite o pensamento sobre a

tragédia como um sistema poético que compõe forma e finalidade, inclusive, mostrando que, da forma certa, até a mentira e o fantástico pode ser feita de forma mimética corretamente e a mentira possa passar despercebida entre o verossímil e o real.

Portanto, ainda que esses contextos tenham sido formulados no contexto grego clássico, eles podem ser reaplicados em outros gêneros e períodos, funcionando como ferramentas interpretativas na análise de obras que, mesmo distantes do cenário trágico original, ainda operam com os mecanismos poéticos da Poética.

3. *A persistência da tragédia na literatura moderna*

A modernidade literária, em seus estilos e movimentos múltiplos, não abandona completamente os modos clássicos de estruturação do enredo. Um dos espaços que é possível identificar os reflexos da tragédia é a literatura gótica, principalmente na construção da esfera emocional, a reação ao destino trágico, a estruturação simbólica da queda e das consequências de uma ação errada e na representação da dor humana.

O poema “O Corvo”, escrito por Edgar Allan Poe, em 1845, e escolhido para análise uma vez que este é o poema principal do pioneiro da escola literária gótica, constrói bem o universo estético onde os conceitos aristotélicos podem ser aplicados. Sua forma métrica rigorosa, progressão dramática e vocabulário imagético de representação da natureza e do pensamento, até mesmo a presença do corvo como ambiguidade entre natural e divino, contribuem para a construção de uma experiência trágica que não difere radicalmente da experiência esperada por Aristóteles.

Se na tragédia antiga o destino era encarnado pelos deuses ou pela *hybris* do herói, na literatura gótica de Poe ele se revela como a ausência: a impossibilidade de reverter a perda da amada, a impotência do personagem ao perceber que o corvo não é um mensageiro de mau agouro e o mergulho no pensamento do sujeito em delírio conforme o desenlace do drama. A força do poema está, assim como na Poética, no encadeamento necessário das ações e na progressiva intensificação do sofrimento com base nas ações mimetizadas. Além disso, a mimese também é psicológica e o mito e a mimese traçam a jornada psicológica do personagem que age com ignorância (*hamartia*) e sofre as consequências de suas ações.

Em geral, “O Corvo” possui completude e coerência do mito, representação mimética lógica da ação, fatos do conhecimento e caráter do personagem, desenlace por meio de reviravolta e reconhecimento, linguagem bela e elaborada, experiência catártica de medo e compaixão pelo destino do per-

sonagem e, até mesmo, o irracional e fantástico (corvo como criatura sobrenatural) é mimetizado de forma verossímil e realista.

Nesse sentido, “O Corvo” pode ser lido como uma parte da trajetória da recepção dos conceitos aristotélicos, como um ponto de passagem para identificar a presença e as ressignificações da Poética. Há, sim, mudanças causadas pelo contexto clássico e o contexto do século XIX, como é o caso da literatura gótica não supor um humano elevado, mas trabalhar com sua finitude e queda.

4. *Tradução e recepção dos conceitos poéticos*

Ao serem traduzidos, textos poéticos se submetem a um processo de recriação de forma e sentido, fazendo com que o contexto da tradução atravesse a interpretação do poema. No caso do poema “O Corvo” a estilística é fundamental para a formação da experiência estética e as traduções dessa estilística revelam diferentes estratégias estilísticas e estéticas para manter o sentido do texto original, mas, as vezes o contexto altera a finalidade do poema e, conseqüentemente, altera a reconstrução dos elementos clássicos.

A versão traduzida de Machado de Assis (1883), que compartilha época com o poema original, adota uma linguagem rebuscada, próxima do sublime que o gótico busca, e flexibiliza um pouco a métrica e o ritmo originais. Ainda assim, mantém o tom sombrio e a progressão emocional do original, reforçando o sentimento de desamparo e fatalidade. A escola do termo “nunca mais” é fiel ao original, mas perde um pouco do sentido onírico e reflexivo da alucinação do personagem.

Já a versão traduzida de Vinícius Alves (1999) preserva a estrutura formal de Poe, reproduzindo a métrica e a rima quase integral. Porém, a linguagem menos rebuscada dilui o efeito catártico do poema e é o único a não utilizar o termo “nunca mais”, mudando para “não agora”, o que também suaviza a experiência e, ao mesmo tempo, cria uma musicalidade sufocante.

Por último, a versão traduzida de Marta Fagundes (2018) não tem linguagem tão elaborada quando a tradução de Machado nem a suavidade da tradução de Vinícius Alves, mas busca uma musicalidade moderna sem diminuir a experiência trágica, mas reconstruindo uma catarse própria pela priorização do sentido psicológico do poema.

Nesse sentido, as três traduções mantem o conteúdo original e, por isso, constroem a experiência trágica, mas o uso de um léxico diferente, uma métrica diferente e o contexto histórico-social atravessa a tradução de forma que os conceitos aristotélicos podem ser mais ou menos perceptíveis na lei-

tura do poema. A recepção do poema no Brasil, portanto, apresenta uma reconstrução para além dos elementos verbais ao criar, também, uma recepção conceitual e semântica.

5. Conclusão

A permanência dos conceitos aristotélicos em leituras contemporâneas da literatura demonstra a potência interpretativa dos conceitos aristotélicos presentes na Poética. Apesar de sua formulação ser a favor de uma racionalização do contexto poético clássico, sua teoria de universalização de uma verdade poética continua sendo uma ferramenta relevante para a análise de obras que, como “O Corvo”, operam com elementos de intensidade, destino e estrutura dramática.

Pensando na literatura gótica como uma escola literária para além dos movimentos, cujos gêneros foram utilizados na formação dessa literatura, a proposta de aplicação da Poética diferentes formas de recriação dos elementos clássicos que podem refletir diferentes interpretações da própria compreensão da cultura clássica. Cada versão utiliza, no seu modo, o mito, a mimese e a catarse, reafirmando o valor dos conceitos aristotélicos.

Dessa forma, este trabalho propôs não apenas uma leitura das traduções de O Corvo, mas também uma reflexão sobre o modo como a tradição clássica ainda oriente, mesmo que de forma implícita, as escolhas estéticas e as respostas emocionais que a literatura provoca. A tragédia, portanto, não desaparece na modernidade, mas se reinventa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. *Epistola XIII: A Cangrande della Scala*. In: Petrocchi, G. (Ed.). *Epistole di Dante*. Firenze: Le Lettere, 1995.

ARISTÓTELES. *Organon*. Tradução, Prefácio e Notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.

ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

POE, Edgar Allan. *O Corvo*. Adaptação: Vinícius Alves – 1999. In: *O Covo, Corvos e o Outro Corvo*. Florianópolis: Bernúncia, 2002.

POE, Edgar Allan. O Corvo. Trad. de Machado de Assis – 1883. In: *OCIDENTAIS, Obra Completa de Machado de Assis, vol. III*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

POE, Edgar Allan. O Corvo. Trad. de Marta Fagundes – 2018. In: *O Corvo e Outros Contos*. Cotia-SP: Pandorga, 2018. p. 17-23.

Public Domain. First published by Wiley and Putnam, 1845, in *The Raven and Other Poems* by Edgar Allan Poe.